

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CENTRO DE EDUCAÇÃO
ESTRATÉGIAS DIDÁTICAS NA EDUCAÇÃO BÁSICA COM USO DAS TIC

LAÍS RAFAEL DOS SANTOS

**REDES SOCIAIS E ATIVIDADES DE LEITURA E PRODUÇÃO
TEXTUAL
NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA**

Maceió - AL
2019

LAÍS RAFAEL DOS SANTOS

**REDES SOCIAIS E ATIVIDADES DE LEITURA E PRODUÇÃO
TEXTUAL
NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial para
conclusão do Curso de Especialização em
Estratégias Didáticas na Educação Básica
com o uso das TIC.

Orientador: Prof. Dr. Luís Paulo Leopoldo
Mercado

Maceió - AL
2019



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO ESTRATÉGIAS DIDÁTICAS PARA EDUCAÇÃO BÁSICA, COM
USO DAS TIC

LAÍS RAFAEL DOS SANTOS

REDES SOCIAIS E ATIVIDADES DE LEITURA E PRODUÇÃO TEXTUAL NAS
AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA.

Trabalho apresentado ao Colegiado do Curso de Especialização Estratégias Didáticas para Educação Básica, com uso das TIC do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas como requisito parcial para obtenção da nota final do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em 21/03/2020

Orientador: Professor Dr. Luís Paulo Leopoldo Mercado

Comissão Examinadora:



Professor Dr. Luís Paulo Leopoldo Mercado

Professora Dra. Maria Aparecida Pereira Viana



Professora Ms Vera Lúcia Pontes dos Santos

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	4
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	6
2.1. Ensino de LP, leitura e escrita	6
2.2. Facebook e a sala de aula	9
3 METODOLOGIA	12
4 FACEBOOK, ARGUMENTAÇÃO E PRODUÇÃO	13
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	16
6 REFERÊNCIAS	17

RESUMO

O ensino de gramática tem sido objeto de reflexão de muitos pesquisadores, sobretudo após a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) que propõem um ensino com base no uso e reflexão. No entanto, apesar das muitas discussões, ainda há um número expressivo de práticas pedagógicas centradas em uma perspectiva tradicional de ensino sem considerar a autonomia do aluno. Dessa forma, a elaboração do presente estudo justifica-se pela necessidade de propor alternativas para um trabalho com leitura e produção de textos sob uma perspectiva na qual os alunos assumam o lugar de sujeitos ativos, utilizando recursos tecnológicos sociais, como o Facebook, também analisando como compreendem o papel da rede social, na tentativa de subverter a realidade das aulas de LP tradicionais, comprovando também que as redes sociais, ou qualquer outro aparato tecnológico, não devem ser vistas como "inimigas da educação", da aprendizagem.

ABSTRACT

The teaching of grammar has been the subject of reflection of many researchers, especially after the publication of the National Curricular Parameters (PCNs) that propose a teaching based on use and reflection. However, despite the many discussions, there is still an expressive number of pedagogical practices centered on a traditional teaching perspective without considering the student's autonomy. Thus, the preparation of this study is justified by the need to propose alternatives for a work with reading and production of texts from a perspective in which students take the place of active subjects, using social technological resources, like Facebook, also analyzing how they understand the role of the social network, in an attempt to subvert the reality of traditional LP lessons, proving that social networks, or any other technological method, should not be seen as "enemies of education", of learning.

1 INTRODUÇÃO

Sabemos que a leitura e produção textual, seja ela escrita ou digitalizada, consiste em uma das questões essenciais para que o aluno reflita sobre sua língua e o uso que faz dela. Entretanto, relatos e estudos apontam a dificuldade em promover essas atividades na sala de aula e ter um retorno satisfatório no que tange ao ensino de Língua Portuguesa (LP), após o surgimento e advento das tecnologias moveis de caráter social.

Com base na análise de relatos, análise de estudos e observações feitas na sala de aula, pudemos constatar que o processo de ensino-aprendizagem de LP é mais árduo e comumente infrutífero para o aluno, quão mais distanciado ele é de textos, e do seu contexto tecnológico, o qual, hodiernamente, está inserido no contexto social e cultural do aluno, visto que este aluno usa as tecnologias como importantes ferramentas de interação. Não defendemos aqui, entretanto, a hipótese de usar textos de LP e recursos tecnológicos como fonte de busca para os aspectos gramaticais, mas de usá-los como fonte de conhecimento epistemológico, na qual aspectos gramaticais e discursivos se integram a uma finalidade social e historicamente determinada.

A proposta de aula que se distancia de uma perspectiva tradicionalista ainda encontra muitos depreciadores não só na comunidade acadêmica, mas também nas escolas.

Nosso interesse em desenvolver esta pesquisa, portanto, justifica-se pela necessidade de propor alternativas para um trabalho com leitura e produção de textos sob uma perspectiva na qual os alunos assumam o lugar de sujeitos ativos, utilizando recursos tecnológicos sociais, como o Facebook, analisando também como compreendem o papel da rede social, na tentativa de subverter a realidade das aulas de LP tradicionais, comprovando também que as redes sociais, ou qualquer outro aparato tecnológico, não devem ser vistas como “inimigas da educação”, da aprendizagem, mas como importante recurso de interação, de desenvolvimento da aprendizagem, de promoção da educação.

O relatório do Pisa de 2018 (INEP, 2018) apontou que o Brasil tem baixa proficiência em leitura, se comparado com outros 78 países que participaram da avaliação. Apesar da distância temporal, não raro nos deparamos com práticas

docentes que não priorizam a atividade com leitura, produção digital, bem como ignoram o universo tecnológico que a educação já está imersa, resultando em alunos com dificuldades de leitura e compreensão textual, confinados a um processo de aprendizagem limitado.

Em observações feitas em sala de aula, percebemos que não há necessariamente desinteresse por parte dos alunos em relação às propostas de aula que não se limitam à exposição de aspectos, embora essas propostas inicialmente causem certa inquietação. Observamos também que, em algumas atividades de leitura feitas em sala de aula, há uma priorização dos trabalhos feitos em cima do tema e/ou da estrutura separadas entre si e do contexto, muitas vezes porque o professor não se preocupa em refletir sobre o texto juntamente com os alunos, dando-lhes subsídios para afirmar, negar ou mesmo questionar o texto que leem.

Nesse sentido, os alunos geralmente apresentam uma compreensão do texto que se limita à assimilação e reprodução de informações, raramente assumindo uma postura autônoma diante da leitura. Essa problematização motiva o seguinte questionamento, como os docentes e os alunos podem fazer uso das redes sociais como ferramenta no seu processo de leitura e produção textual.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nesta seção serão apresentados os pressupostos teóricos que serviram como base para as reflexões desenvolvidas na análise dos dados. Partiremos das reflexões teóricas de Geraldi (2011) e Bakhtin (2003) sobre o processo interlocutivo na sala de aula, e Kenski (2007) no que tange ao conceito de tecnologias da informação e comunicação, também abordaremos as orientações apresentadas nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) acerca do ensino de LP.

2.1. Ensino de LP, leitura e escrita

Entendemos a prática educacional de tal maneira que ela não se limita à transmissão do conteúdo específico exigido por parâmetros curriculares. Como defende Paulo Freire (1996), a prática de sala de aula não deve apagar o conhecimento de mundo do aluno, mas, ao contrário, a partir dele deve se iniciar de tal modo que os conhecimentos específico e epistemológico estejam relacionados.

Essa prática somente é possível, segundo Freire (1996, p. 18), mediante uma reflexão crítica sobre ela:

Na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. O próprio discurso teórico, necessário à reflexão crítica, tem de ser de tal modo concreto que quase se confunda com a prática.

Em se tratando de ensino de LP, a leitura e compreensão de textos – e, em igual medida, sua produção – são fundamentais para entender que a assimilação do conhecimento linguístico por parte do aluno, além de proporcionar uma ampliação de seu conhecimento de mundo. O texto passa a ser considerado como “lugar da interação” (KOCH, 2002, p. 17). Assim sendo o texto não se define por ser uma simples sobreposição de elementos linguísticos, ao contrário, define-se no próprio uso da linguagem.

Para Geraldi (1996, p. 104), o texto:

a) Se constrói numa relação entre um eu e um tu; b) opera com elementos que, sozinhos, são insuficientes para produzir um sentido fixo; c) inevitavelmente tem um significado, construído na produção e na leitura, resultado das múltiplas estratégias possíveis de interpretação compartilhadas por uma comunidade linguística, a que apelam tanto autor como leitor.

Nesse sentido, entendemos leitura como um processo em que, segundo Geraldi (2011), autor e leitor cumprem diferentes funções fundamentais para haver interação e em que leitura e produção, apesar de cumprirem funções diferentes, são também associadas. Além disso, a leitura, assim como a produção de textos, deve levar em consideração não somente “o que dizer”, mas “como dizer”.

A leitura aqui é entendida, portanto, como um processo de interação em que a compreensão do leitor é tão fundamental quanto a produção do autor. O leitor ou ouvinte, participante efetivo do discurso, concorda, discorda, confirma, nega, completa, aplica e até mesmo subverte o enunciado do autor ou falante, revelando a natureza responsivo-ativa do discurso. O discurso é tal que toda e qualquer produção é, em sua essência, passível de resposta, como defende Bakhtin (2003, p. 271):

Toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva (embora o grau desse ativismo seja bastante diverso); toda compreensão é prenhe de resposta, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante.

Consideramos, então, que a leitura que se faz de um texto não pode se limitar a uma busca por questões gramaticais que a coloca numa posição integralmente dissociada dos contextos em que foi produzida e lida. Para que haja leitura de fato, esperamos que haja compreensão responsivo-ativa dos alunos, leitores, para que, comprovando tal responsividade, tornem-se autores.

Na escola esse trabalho é feito a partir da utilização dos chamados “gêneros discursivos”, que, de acordo com Bakhtin (2003) correspondem aos “tipos relativamente estáveis de enunciados”:

Todos esses três elementos – o conteúdo temático, o estilo, a construção composicional – estão indissoluvelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação. Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus **tipos relativamente estáveis** de enunciados, os quais denominamos **gêneros do discurso** (BAKHTIN, 2003, p. 261-262, grifo do autor).

Os gêneros estão presentes no dia a dia dos sujeitos falantes, sendo muitas vezes usados inconscientemente. Ainda segundo Bakhtin (2003), tais gêneros nos são dados “quase da mesma forma com que nos é dada a língua materna” (p.282).

Nessa perspectiva, entendemos que os gêneros são determinados historicamente. As intenções comunicativas, como parte das condições de produção

dos discursos, geram usos sociais que determinam os gêneros que darão forma aos textos. Em se tratando de gêneros textuais, Marcuschi (2002) afirma que o funcionamento dos gêneros textuais na escola é importante tanto para a produção como para a compreensão, sendo esta a ideia principal que permeia o discurso dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) sugerindo que o trabalho com o texto seja feito com base nos gêneros, ou seja, por meio de atividades epilinguísticas, nas quais a reflexão está voltada para o uso que ocorre no próprio interior da atividade linguística, obtendo, segundo Conceição (2009), um trabalho reflexivo e de transformação e conforme Rezende (2008, p.107) permitirá ao aluno:

“A avaliar, julgar, apreciar, ver o que é igual e o que é diferente, distanciar, aproximar ou remontar significados. Essa procura de significados nas pregas da própria experiência de vida e de leitura – e que é a atividade de linguagem ou epilinguística – será mais importante do que se chegar com os alunos, em sala de aula, às expressões procuradas pela mudança de cenário.”

Diante disso, Schneuwly e Dolz (2004), dividem os gêneros do discurso em cinco agrupamentos, a saber: gêneros da ordem do narrar, gêneros da ordem do relatar, gêneros da ordem do argumentar, gêneros da ordem do expor, gêneros da ordem do instruir ou do prescrever”.

Assim, entendemos aqui o artigo de opinião como um gênero discursivo tal qual apresenta Bakhtin (2003), que surge em diferentes campos da atividade humana e que possui finalidades específicas por eles determinadas. Além disso, sendo um gênero discursivo, o artigo de opinião reflete as condições específicas de um determinado campo por meio de seu conteúdo temático, de seu estilo de linguagem próprio e, sobretudo, por sua construção composicional.

O gênero discursivo artigo de opinião está no agrupamento dos gêneros da ordem de argumentar, por suas características peculiares, o tom argumentativo presente no artigo de opinião, tem como finalidade a persuasão ou convencimento do interlocutor, com intenções de que ele compartilhe uma opinião ou realize uma determinada ação.

Os artigos de opinião abordam questões polêmicas que envolvem a coletividade e dessa forma havendo uma interação, mais completa, mais participativa, a qual é ampliada de maneira significativa quando o artigo de opinião é divulgado em ambientes próprios para interação, como é o caso das redes sociais, visto que a resposta ao que é divulgado nesses espaços é imediata. Através do conhecimento da

opinião alheia sobre a nossa, torna-se possível rever valores e aceitá-los, transformá-los ou refutá-los, e a prática de produção de artigos de opinião nos possibilita externar nossas opiniões a respeito de diferentes temas. E Somente levando em consideração o conhecimento epistemológico dos alunos, sua capacidade de interpretar o mundo à sua volta e a sua relação com esse mundo é, que poderemos, enfim, permitir a eles uma compreensão dos textos utilizados em sala. Mais que isso, poderemos intervir em sua realidade.

2.2. Facebook e a sala de aula

No que tange as condições de produção do aluno, o contexto social, cultura e ideológico que este está inserido, consideraremos os aspectos tecnológicos que hoje fazem parte desse contexto. Com a revolução tecnológica a sociedade passou a viver uma série de transformações, um novo conceito surgiu, devido às tecnologias da informação e comunicação (TIC), que foram absorvidas em todos os seguimentos da sociedade e principalmente na educação. As TIC são definidas como um conjunto de recursos tecnológicos, utilizados de forma integrada, que fazem parte dos processos informacionais e comunicativos da sociedade, segundo Kenski (2007, p.34), “Essas novas tecnologias ampliaram de forma considerável a velocidade e a potência da capacidade de registrar, estocar e representar a informação escrita, sonora e visual”.

O uso das TIC no processo para educação, tem se mostrado de uma maneira muito eficiente e vem se solidificando dentro do cenário educacional, além de potencializar a processo de aprendizagem, o qual passa ocorrer de forma coletiva e colaborativa, priorizando a heterogeneidade.

Nesse contexto, as redes sociais como o Facebook são exemplos de TIC, que tornam possível o uso de novas estratégias e ferramentas para apoiar a aprendizagem, possibilitando práticas inovadoras no processo ensino-aprendizagem, além da promoção da interação, sendo este seu principal objetivo, Recuero (2009, p. 24) define a rede social como

Uma metáfora para observar os padrões de conexão de um grupo social, a partir das conexões estabelecidas entre os diversos atores. A abordagem de rede tem, assim, seu foco na estrutura social, onde não é possível isolar os atores sociais e nem suas conexões.

Ainda segundo a autora as redes sociais estão modificando os processos sociais e informacionais da sociedade. Assim, defenderemos aqui uma perspectiva educacional baseada em propostas que concebam o processo de aprendizagem como um fenômeno que se realiza na interação com o outro, com o mundo, por meio de um processo de trocas que possui uma dimensão coletiva, sendo as redes sociais, devido as suas configurações, ferramentas e ambientes ideais para a promoção desse processo de aprendizagem, visto que, segundo Recuero (2009), em um rede social “a ação de um ator social depende da percepção daquilo que o outro está dizendo”.

No que se refere ao Facebook, criado pelo americano Mark Zuckerberg juntamente com seus colegas de quarto da faculdade, lançado em 2004, com objetivo de estabelecer uma rede de contatos entre os alunos da Universidade de Havard, a qual foi ampliada para outras universidade devido ao sucesso inicial e em seguida para o uso global. O funcionamento do Facebook ocorre através de perfis de caráter pessoal e profissional, bem como comunidades, também é possível acrescentar softwares de jogos e ferramentas, por exemplo. Diante disto, segundo Recuero (2009), nada o impede a adequação dessa rede social em um espaço de leitura, escrita e compreensão textual.

É fato que o uso do Facebook ou outra rede social é passível de estranhamento tanto para docentes quanto discentes, contudo segundo Tavares (2015, p.17) e os resultados de suas pesquisas baseadas no uso das redes sociais como ferramentas metodológicas:

Além de oferecer suporte para a prática pedagógica, as atividades desenvolvidas oferecem também oportunidade aos professores e aos alunos de aproximarem o Facebook do contexto escolar, visando promover não só a aprendizagem de um tema específico, mas também a ética no ambiente virtual, e, conseqüentemente, essa prática refletirá em nossa sociedade.

Complementando esta ideia, Patrício e Gonçalves (2010, p.598) afirmam que

O Facebook pode ser utilizado como um recurso/instrumento pedagógico importante para promover uma maior participação, interação e colaboração no processo educativo, para além de impulsionar a construção partilhada, crítica e reflexiva de informação e conhecimento distribuídos em prol da inteligência coletiva.

Ademais, a adoção de medidas como esta tem se feito necessárias cada vez mais na educação, visto que a construção do conhecimento no ambiente escolar,

ainda é realizada por meio de assimilação de conteúdos e informações transmitidas, unicamente, pelo professor aos alunos de maneira descontextualizada, tendo como consequência a formação de sujeitos não autônomos e nem incentivados a refletirem sobre a realidade que os cercam, de maneira crítica (LUCENA, 2016).

3 METODOLOGIA

A abordagem desta pesquisa tem um caráter qualitativo, a qual se caracteriza pelo o uso de técnicas da abordagem etnográfica, na qual os observadores assumem também a posição de participantes com o objetivo da intervenção na realidade, desenvolvendo um trabalho cooperativo. No que tange aos aspectos teóricos da pesquisa foi feito um levantamento bibliográfico que possibilita e aprofunda a fundamentação teórica para a construção do plano de aula, bem como a futura coleta de dado e realização da análise desses dados.

Inicialmente, devido a fatores relacionados ao calendário estudantil da escola onde ocorreria as observações e coleta de dados, esta pesquisa se limitará a apresentar uma proposta de ensino para os alunos de LP e possivelmente outras áreas, visto que visamos a leitura, compreensão e produção textual por meio das redes sociais como um todo, independente da área de conhecimento. Contudo a pesquisa está sendo feita objetivando uma futura ampliação e execução.

O *corpus*, será constituído por produções de alunos de turmas do segundo ciclo do Ensino Fundamental, especificamente 9º ano, de uma escola da rede estadual de Maceió, e observações registradas em notas de campo durante aulas de LP. Nestas notas de campo a descrição deverá ser minuciosa e criteriosa sobre fatos ocorridos em sala de aula. Serão feitos registros das orientações dada pelo professor, das marcas de compreensão dos alunos diante destas orientações, dos temas e conteúdos abordados nas propostas de atividade entre outros aspectos. Levaremos em consideração todo o processo de ensino-aprendizagem desses alunos.

4 FACEBOOK, ARGUMENTAÇÃO E PRODUÇÃO

Este artigo tem o objetivo de possibilitar o uso de redes sociais, especificamente o Facebook, como ferramenta pedagógica de ensino e aprendizagem de LP, utilizando-se dos recursos propícios a interação que essa rede social fornece, como o grupo. No espaço específico do Facebook ocorrerão as produções textuais e divulgação de textos para eventuais leituras.

O gênero discursivo escolhido para ser trabalhado foi o artigo de opinião, além do tom argumentativo presente nesse gênero, há o caráter pessoal, já que o texto é construído com base na visão de mundo do autor sobre determinado tema, a qual deverá ser fundamentada, tendo assim como finalidade a persuasão ou convencimento do interlocutor, com intenções de que ele compartilhe sua opinião ou realize uma determinada ação. Por abordarem questões polêmicas, atuais, que envolvem a coletividade, ao ser divulgado em ambientes próprios para interação, como as redes sociais, onde esta é ampliada de maneira significativa, a interação torna-se mais completa.

O plano de aula trará como tema “A depressão, a ansiedade e o suicídio entre os jovens”, o qual ocorrerá por etapas, indo da exposição e discussão das características do gênero textual em questão, bem como da rede social a ser utilizada, a momentos de discussão e produção textual. Durante este processo é fundamental mostrar para os alunos as diversas opções de atividades que o Facebook e as redes sociais de modo geral oferecem a sociedade, visto que estamos acostumados a reduzir esses espaços a publicações pessoas relacionadas ao cotidiano dos usuários.

As etapas são:

1 Gênero artigo de opinião e as características que o compõe – duas aulas

Apresentação do gênero artigo de opinião e suas características específicas. Antes o professor deverá trazer um tema polêmico, atual e presente no cotidiano dos alunos para ser debatido em sala. E esses alunos devem expor suas opiniões e elas devem estar embasadas em experiências. Esta atividade inicial terá como objetivo mostrar aos alunos que eles expõem suas visões de mundo naturalmente, sendo também uma tentativa de eliminar qualquer pensamento e discurso futuro sobre a incapacidade de produzir um artigo de opinião. Então, após este momento iniciará a exposição e discussão sobre o gênero textual a ser estudado, artigos que abordem o tema deverão ser lidos,

alisados e discutidos e a elaboração de um esboço prévio de um artigo de opinião também deve ser uma proposta de atividade.

2 Redes sociais para que servem? – Uma aula

Serão discutidas as redes sociais e seu papel na sociedade. Trata-se de uma discussão fundamental, posto que, a sociedade ainda tende a reduzir as redes sociais a publicações relacionadas ao cotidiano e estabelecimento de relações pessoais. Textos como o de Recuero (2009) deverão considerados e levados para sala de aula para análise e discussão.

3 Facebook – Uma aula

As características do Facebook serão expostas, e deverá haver um momento em que os alunos exponham suas experiências com o Facebook: como usam, qual a finalidade. Para fomentar as discussões e ter um melhor conhecimento da postura dos alunos, o professor deverá lançar os seguintes questionamentos: Facebook e sala de aula combinam? É possível usar o Facebook na sala de aula?

4 Facebook como extensão da sala de aula – Uma aula

O Facebook será apresentado e usado como extensão da sala de aula e como ferramenta metodológica. As orientações iniciais sobre a atividade ocorrerão na sala de aula. O professor explicará que as atividades referentes ao gênero textual visto acontecerão no Facebook, e que a produção textual acontecerá de forma digitalizada e o que o futuro texto deverá ser compartilhado. Estas atividades se darão em um grupo criado pelo professor utilizando o recurso específico que o Facebook possui para isso. A partir deste momento, as orientações e discussões sobre os textos passarão a ocorrer no grupo. O professor de LP organizará grupos de alunos para que fiquem responsáveis pela divisão dos assuntos relacionados à temática, além da postagem de links, hipertextos e textos motivadores, salientando que isso ocorrerá sob a orientação do professor. A leitura, análise e discussão sobre as publicações feitas no grupo serão fomentadas com frequência, a interação entre todos os

membros do grupo seja por meio de comentários favoráveis ou contra, é de suma importância.

5 Produção e divulgação de artigos

Como uma das propostas finais de atividade teremos a produção e divulgação de artigos de opinião produzidos pelos alunos, os quais ao publicarem seus textos terão a liberdade de escolher uma imagem para associarem a seus textos, visto que Facebook permite a divulgação de texto tendo uma imagem em anexo. Antes da publicação esses textos serão vistos e analisados pelo professor para uma possível correção. E essa correção também ocorrerá de maneira “online”. Ressaltando que a avaliação não se limitará a produção final, ela se dará durante todo processo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por se tratar da apresentação de um plano de aula para futura execução, não apresentaremos resultados. Contudo, ressaltamos que estudos e pesquisas têm comprovado que o uso das redes sociais como extensão da sala de aula, como ferramentas pedagógicas são fundamentais para o desenvolvimento de competências e habilidades no que tange a leitura, compreensão e produção textual. É extrema importância a consideração do professor em inserir em sua metodologia, o trabalho com as redes sociais, posto que essa é uma das formas de interação entre professor e aluno. Destacamos também que nessa metodologia, não apenas o papel do professor e do aluno são indispensáveis, mas todos os elementos constituintes do processo de ensino e aprendizagem devem ter um lugar importante, devendo ser concebidos em toda a sua totalidade e complexidade, obtendo assim um processo ensino-aprendizagem que se apresenta de maneira sistemática, no qual o aluno tenha participação ativa e que o professor atua como mediador.

6 REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: *Estética da criação verbal*. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. *Pisa 2018 revela baixo desempenho escolar em leitura, matemática e ciências no Brasil*. Disponível em: http://portal.inep.gov.br/artigo/asset_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/pisa-2018-revela-baixo-desempenho-escolar-em-leitura-matematica-e-ciencias-no-brasil/21206. Acesso em: 20 de janeiro de 2020

BRASIL. Secretaria da Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais e Ética*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CONCEIÇÃO, V. P. *Os meandros da atividade epilinguística na produção de texto escrito*. Cadernos do CNLF, Rio de Janeiro, v. XIII, n. 4, p. 1037-1053, 2009.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

GERALDI, J.W. *O texto na sala de aula*. 5ª ed. São Paulo: Ática, 2011.

_____. *Linguagem e ensino: exercícios de militância e divulgação*. São Paulo: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil – ALB, 1996.

KENSKY, V. M. *Educação tecnologias: o novo ritmo da informação*. Campinas: Papirus, 2007

LUCENA, S. Culturas digitais e tecnologias móveis na educação. *Educar em Revista*, Curitiba, Brasil, n.59, p.277-290, jan./mar. 2016.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela et al. *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

PATRÍCIO, R.; GONÇALVES, V. *Facebook: rede social educativa?* Disponível em: <https://bibliotecadigital.ipb.pt/handle/10198/3584>. Acesso em: 23 de janeiro de 2020.

RECUERO, Raquel. *Redes Sociais na internet*. Porto Alegre: Sulina, 2009.

REZENDE, L. M. *Atividade epilinguística e o ensino de língua portuguesa*. Revista do GEL, S. J. do Rio Preto, v. 5, n. 1, p. 95-108, 2008.

SCHNEUWLY, B; DOLZ, J. *Gêneros orais e escritos na escola/ tradução e organização Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

TAVARES, F.M.R.S. *Redes sociais: espaço para (re)formulação de opiniões*. São Paulo, 2015. Disponível em:

<https://www.escrevendoofuturo.org.br/arquivos/5486/textosseminarios-09dez2015-texto-20-redessociais.pdf>. Acesso em: 20 de janeiro de 2020.